



QUEM TEM LUZ

POR KRISTIN REED

O sol nasce, doce, sua luz dançando na poeira. Na manhã dourada, nasce uma visão, uma nação de cores vivas. Tudo iluminado sob o sol, criado e renovado pela imaginação do céu. Todos imaginados, reconhecidos pela luz do dia. Embaixo da sombrinha troco piscadela com a menina varrendo a varanda vizinha.

Zonza, bocejo sem inspiração. Tio Nekôndo, atrasado, surge num estrondo de poeira. Desce do carro, pavoneando como vaqueiro ao “Achy-Breaky Heart” e me pergunta: “Tás pronta pra ver a realidade de Cabinda?” Digo: “Afirmativo.” Saimos pelo portão da frente. Primeira paragem: abastecer o tanque. Chegamos à frente da bicha com suborno e sorriso. Paragens seguintes: barricadas na rua. Suborno e sorriso satisfazem de novo. Um soldado machão com hálito de manjevo demora ao meu lado. Finjo inocência até que Tio Nekôndo o enxota com mais uma nota.

Andamos à beira do rio, à margem de compreender. Um girassol fita diretamente por cima: sol enraizado na terra espelhando o sol vacilando no céu. Estou aturdida no calor abafante. Retalhos de bambu percorrem os terrenos entre aldeias parecidas. Mães com crianças nas costas e enxadas na mão capinam e queimam lavras virgens. Fumo, escuro e fino, filtra a luz amarela de meio-dia. Tio Nekôndo, abanando a cabeça, diz: “Aqueles soldados nestas partes... pensam só: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.” Afirma que três meses atrás, a colheita só rendeu dor. “Os militares emboscaram e violentaram as filhas que foram colher tomates aqui. Com a ponta do fuzil, deixaram cair os tomates maduros pra apodrecer no solo. O povo daqui abandonou aqueles trechos pra sempre.” Procuro a palavra ‘fuzil’ no meu dicionário de bolso. Leio: “O fuzil, ou espingarda, é arma portátil de cano longo; o carregador facilita a repetição, coloca-se e retira-se facilmente.”

A branqueza do dia não esclarece mais do que a confusão. As mães sabem que dar à luz significa entregar os filhos à confusão da vida. Deixamos a rua para visitar as tumbas dos antepassados de Tio Nekôndo. Os Mafucas, Tatis, Franques – reis Bakongos, suas reclamações enterradas, bocas tapadas. No terreno da morte os ramos duma goiabeira desenham caminhos de sombra cortados pela força do sol ardente. Nestas redes de escuridão adivinhamos o

futuro a partir do passado entrelaçado. A última goiaba pendurada em cima inclina-se na brisa, me estranhando com olhar suspeito.

Chegamos até um bar na fronteira congoleza. Algo está tramando na quentura do ar sonolento. Sou camaleão nenhum aqui. Sento-me numa cadeira de plástico, desajeitada no chão de areia. Soldados bêbados de camuflagem fazem o escândalo semanal. Parecem caricaturas dos militares no pôster colado ao muro de caniço: "Turbo King: Une affaire des hommes. La bière des plus forts." Brindam os negócios: a troca de mais um camião de gasolina pelo peso líquido igual em cerveja congoleza. O monte de garrafas esgotadas de sábado tini, crescendo. Lembra-me dos abacaxis na primeira aldeia, apodrecendo por falta de fuga. Brindo Tio Nekôndo com uma gasosa xaroposa, sabor grenadine, doce demais neste clima.

Fugimos da zona fronteira. Continuamos ao longo da rua empoeirada até alcançarmos uma casa, suas paredes profanadas por propagandas. A luz indireta do pôr do sol ilumina as pichações, mas o mais velho no vão da porta não demonstra conhecimento nenhum daquelas palavras feias ao seu redor. Usando óculos foscos e vestido de camisa de pijama e lençol de rosas, o senhor nos convida a entrar. Passo na meia luz do quarto, atrás de Tio Nekôndo. As cores do dia amolecem e viram preto e branco, as cinzas do dia tornam-se prata. Morcegos circulam por cima dele, a brisa das asas a única indicação da sua presença no espaço sombrio. Escuto as últimas respirações do dia: fôlegos rasos notando a expiração da luz.

A noite cresce sem interrupção: nem lua, nem estrela. Dou confiança à escuridão, banhando-me na negridão completa. Retomamos o caminho e a clareza surge das trevas. Na iluminação eléctrica conheço a nação da luz. Casas salvas, batizadas em luz brilham ao lado de outras persistindo na escravatura escura. E nós no carro acendemos as lâmpadas, apreciando

a franqueza que a luz traz com ela. Com o holofote na frente e separada pelo pára-brisa onde as traças se arremessam em silêncio, fico livre na escuridão ultrapassando as paradas armadas e acampamentos de soldados sem olhar. Um relâmpago surge no céu. Mais um raio parece acender na rua: uma serpente de cor dourado-fluorescente. O carro salta e Tio Nekôndo zomba de meus sentimentos de horror. Atingimos a cidade, andamos pelas ruas eletrificadas e chegamos ao portão de entrada. Despeço-me, agradeço Tio Nekôndo e o deixo continuar seu caminho.

Em casa, acendo só uma vela. Uma vela para enxergar todos os acontecimentos do dia e apagar tudo ao meu redor. De dia o sol brilha demais – não tenho foco. À noite a energia se vai e a escuridão entra pelas janelas gradeadas. A pequena ronda iluminada pela vela me conforta, entregando uma simplicidade que consigo traduzir, entender. Da casa vizinha do Coronel Conceição de Matos, abençoada com gerador, ressoam gritos profanos: Sporting Cabinda marcou um gol contra Petro de Luanda. Subo a escaleira e deito-me na cama. Não consigo extinguir a pequena chama. Apesar de fechar os olhos, fico no círculo frágil de luz, ainda iluminada pelo lume brando.

Kristin Reed é estudante no programa de pós-graduação em ciências ambientais e sociais na University of California em Berkeley. Sua tese trata das dinâmicas de violência, degradação ambiental, e exclusão política e económica nas zonas petrolíferas de Angola. Fez parte do seu trabalho de campo em Cabinda, onde suas experiências e aventuras inspiraram este conto.